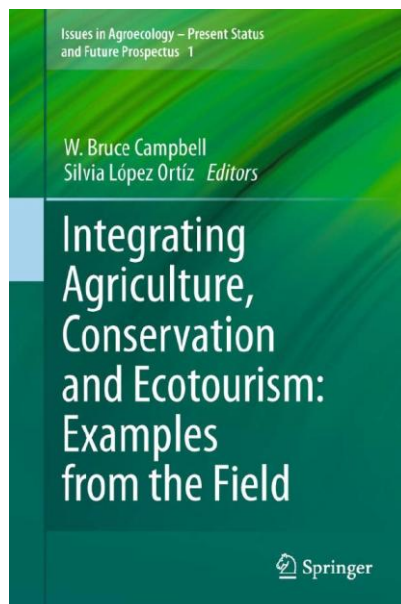


Resenha

CAMPBELL, W. B; ORTÍZ, S. L. (Orgs.).
Integrating Agriculture, Conservation and Ecotourism: Examples from the Field.
London, New York: Springer, 2011, 303 p.



Ismar Borges de Lima
Universidade Estadual de Roraima
ismarlima@yahoo.com.br

O livro *Integrating Agriculture, Conservation and Ecotourism: Examples from de Field* (Integrando Agricultura, Conservação e Ecoturismo: Exemplos do Campo) é a primeira publicação, Volume 1, de uma coletânea composta por quatro volumes que fazem parte da série Temas em Agroecologia – Panorama Presente e Futuro, publicados pela editora Springer.

Os volumes 1 e 2 abordam a integração de três elementos ‘agricultura’, ‘conservação’ e ‘ecoturismo’; um tema ainda pouco explorado na literatura e de inquestionável atualidade apesar de a obra tem sido publicada no final de 2011. Até o presente momento não foi publicada ainda nenhuma resenha em periódicos acadêmicos destas obras de contribuição inestimável para a literatura, nem tampouco as obras foram traduzidas para o português. Os Volumes 1 e 2 buscam expor abordagens conceituais, metodologias, técnicas e experiências que ilustrem e apresentem atividades que possam se complementar, e assim propiciar resultados mais eficazes em termos de desenvolvimento e de geração de renda. Já os Volumes 3 e 4 possuem temas distintos, e abordam respectivamente a ‘produção sustentável de alimentos’ e a ‘expansão do consumo e do comércio ornamental’.

O Volume 1 é a obra objeto desta resenha, e foi editado por W. Bruce Campbell e S. López Ortíz. O Volume foi organizado em seis capítulos, e é o resultado de um trabalho colaborativo de 20 cientistas e pesquisadores com trânsito e com reconhecimento internacional na temática ‘agricultura’, ‘agroecologia’ e ‘sustentabilidade’. Com essa perspectiva, instiga-se pensar formas alternativas e, ou, inovadoras de tratamento do solo e de produção das culturas vis-à-vis aos recursos naturais de modo que sejam consideradas todas as três dimensões da sustentabilidade; o tripé da sustentabilidade assentado nas preocupações com as questões ambientais, sociais e econômicas; em particular, o ‘social’ - na perspectiva agroecológica – cuja análise centra-se nos arranjos comunitários e institucionais de modo que as populações rurais possam participar em processos e sistemas produtivos sendo atores e protagonistas na consolidação de um desenvolvimento local sustentável.

A sustentabilidade não está alijada do fator social e ocorre por meio dele, pois uma produção sustentável sistêmica deve ter um escopo holístico de modo a incluir a conservação do meio ambiente bem como a melhoria da qualidade de vida na zona rural. A sustentabilidade na agricultura exige um repensar os meios e as forças produtivas de intervenção na natureza na difícil missão de obter uma equação de equilíbrio entre os recursos naturais (e territórios agricultáveis disponíveis) e as demandas da sociedade por alimento e de determinados setores industriais por um tipo específico de produto agrícola, por exemplo, a soja.

Faz-se, portanto, necessária uma “nova agricultura” que concilie processos biológicos que venham a ser a base do crescimento de plantas e animais, e processos geoquímicos e físicos, que venham a ser a base do funcionamento de solos, e, que, em conjunto, venham a dar sustentação a uma produção agrícola que considere o funcionamento dos ecossistemas, prezando por uma intervenção antrópica de impacto planejado.

Como parte dessas discussões e debates, é oportuno ressaltar que o Volume I aborda a importância da Revolução Verde como um *milestone* (marco) paradigmático entre dois sistemas de produção no campo. A Revolução Verde, iniciada na década de 60, foi naturalmente uma revolução agrícola feita com base na mecanização, industrialização e nos avanços tecnológicos e químicos da agricultura e da pecuária sob o argumento de isso iria solucionar uma iminente ‘crise alimentar mundial’ e, concomitantemente, poderia tornar-se hegemônica na geração de riqueza.

Tal revolução trouxe transformações nos processos produtivos no campo, mas foram mudanças alijadas de amplas benesses ambientais e sociais, revelando-se ser uma estratégia desenvolvimentista que inevitavelmente promovia um descompasso na distribuição mais equitativa dos benefícios e das riquezas obtidas. Assim, a Revolução Verde pode ser considerada como a da maximização da ocupação do espaço rural com o plantio mecanizado, automatizado, agroquímico, de capital subsidiado, de capilaridade econômica e otimizado economicamente.

No entanto, a obra apresenta a agroecologia como um contraponto na lógica da produção de alimentos e na criação de gado dentro da lógica capitalista, corporativa e demasiadamente massificada. A agroecologia, como ressaltado no Prefácio do Volume I, não é algo novo no processo produtivo, pois em tempos precursores as populações agrárias e agroflorestal de pequeno porte sabiam que espécies de animais e de plantas poderiam coexistir relativamente bem nos ambientes locais.

O problema dessa lógica da produção agroecológica de dimensões e demandas menores é que ela se sucumbiu ao *boom* do crescimento populacional e demográfico, fazendo com que as atividades rurais nas fazendas, até então predominantemente tradicionais e em escala local, sofressem mudanças significativas passando a monoculturas comercialmente orientadas.

É enfatizado no Prefácio que até o início do Século XX, a união entre agronomia e ecologia era de fato incentivada, e cientistas exploravam as condições ambientais climáticas e regionais do solo, por exemplo, para proporem uma lavoura com inovações e adaptações.

Contudo, foi após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, que essa lógica da produção rural sob o viés ecológico e o viés agrônomo se rompeu em virtude de fatores econômicos, e populacionais. Somente após 1970 que pesquisadores dessas duas áreas voltaram a produzir estudos e a fazer

publicações incorporando o termo ‘agroecologia’ com o uso mais frequente do conceito de agroecossistema.

O livro tem robustez acadêmica esperada, e assegura credibilidade ao reunir as várias perspectivas e cenários que ressaltam a importância de se ter ‘áreas ou regiões de especial valor natural’ como patrimônio coletivo e individual para a prática da agricultura sustentável; ações estratégicas em áreas rurais a fim de se salvaguardar uma relativa conservação dos biomas, da fauna e da flora.

Como enfatizado por Campbell e Ortíz, o Volume 1 foi o resultado de sete anos de planejamento, gestão e de horas incontáveis de discussões com representantes da Academia, bem como com pessoas da zona rural, envolvidas com a produção agrícola e agropastoril.

A obra é uma significativa fonte de dados e de experiências com um relato real e fidedigno do tema em foco atendendo aos múltiplos interesses, disciplinas e formações no mundo acadêmico, servindo tanto para estudantes de graduação e pós-graduação, quanto para pesquisadores e professores.

Devido a sua orientação interdisciplinar nas Ciências Sociais, a obra torna-se eclética em sua abordagem e aplicabilidade, sendo útil para geógrafos, biólogos, agrônomos, engenheiros florestais, estudiosos da sociologia, e para especialistas de outras áreas das Ciências; além de ser fonte de leitura segmentada e de consulta para planejadores, fazedores de políticas públicas, ecologistas, ambientalistas, bem como para gestores do governo em todas as instâncias.

Além da preocupação com a linguagem, com textos redigidos para serem lidos e pontualmente compreendidos por pessoas das mais diversas formações acadêmica e profissional, os autores também se preocuparam em elaborar diagramas, gráficos, tabelas, bem como incluir imagens de satélites georreferenciadas, mapas, gravuras, esboços, fotos, entre outros elementos gráficos e de arte para apresentar o conteúdo de forma sistemática a fim de se garantir a apresentação das ideias, conceitos e abordagens. Por exemplo, vários desenhos, gráficos e fotos foram usados para exemplificar e contextualizar a importância da ‘conservação’ para o agroecossistema e para o gerenciamento dos recursos naturais, bem como para o desenvolvimento rural e a agroecologia na perspectiva da produção de alimentos.

A obra está dividida em seis capítulos que são frutos de um trabalho empírico de pesquisa de campo. O **primeiro capítulo** tem como foco a ‘agroecologia, suas interpretações, abordagens e vínculos com conservação da natureza, desenvolvimento rural, e ecoturismo’, e foi escrito pelos autores Wezel e Januneau.

O **Capítulo 1** traz uma excelente revisão histórica do surgimento, expansão e consolidação da agroecologia, debatendo pontualmente suas dimensões, variações e escalas, bem como a importância da gestão e do desenvolvimento territorial. A seção final do Capítulo ficou reservada à discussão sobre a interrelação entre agroecologia e ecoturismo com apontamentos e referências com base no caso do Parque Nacional Regional de Vercors, na França. Os autores concluem sublinhando a existência das diferentes interpretações, leituras e definições de ‘agroecologia’, esclarecendo que essas diferentes visões e leitura, na verdade, levam a um só caminho: a necessidade de se encontrar ‘sistemas agrícolas sustentáveis’ e ‘agroecossistemas’ que contribuam para a lógica do desenvolvimento sustentável.

No caso do Parque Vercors, a integração entre ecoturismo e agroecologia diz respeito a diferentes aspectos, entre eles: gerenciamento do agroecossistemas, conservação da natureza em agroecossistemas, múltipla função da agricultura, produção local de alimentos, e geração de renda para os produtores. Os autores entendem que o ‘ecoturismo’ poderia ser mais bem integrado dentro do conceito de desenvolvimento territorial levando-se em conta a lógica agroecológica.

O **Capítulo 2** tem um enfoque mais técnico-científico, mais cartesiano em sua análise, ao discutir o tema ‘compostagem orgânica’ e ‘fertilizantes industrializados’ em relação à economia e ecologia’. Os autores apresentam as propriedades da matéria orgânica do solo e da compostagem, incluindo os processos e técnicas de estocagem. As propriedades físicas, químicas e biológicas dos ecossistemas são relativizadas para a compostagem. O Capítulo possui ainda uma abordagem dos aspectos da fertilização orgânica e inorgânica em que os autores levam em conta os fatores de sustentabilidade, econômicos e culturais. Nesse Capítulo nada é comentado sobre a integração entre ‘agricultura’, ‘agroecologia’ e ‘ecoturismo’.

O **Capítulo 3** foi escrito por Weindorf, Muir and Landeros-Sánchez. O Capítulo foi elaborado por Johnson, Jedlicka, Quinn, e Brandle, aborda as ‘perspectivas globais sobre pássaros nas paisagens agrícolas’. Os autores centraram suas atenções e estudos na importância da migração dos pássaros pelos continentes e suas interações com os agroecossistemas mundiais, considerando tal mobilidade deles um fenômeno significativo e complexo para a conservação das plantas.

O Capítulo relata os impactos da expansão e intensificação agrícola no *habitat* dos pássaros, e, conseqüentemente levando à perda de várias espécies. Estudos estão sendo feitos para se entender como as populações de pássaros podem ser mantidas em áreas de produção agrícola, ou seja, compreender as

interfaces entre ‘pássaros’ e ‘agroecossistemas’. Nesse sentido, os vários ecossistemas, biomas e áreas utilizadas para cultivos são analisados vis-à-vis aos tipos de pássaros que poderiam se adaptar à região produtiva. Assim, é examinada, por exemplo, a presença de um determinado tipo de pássaro em área de mata em que se cultive o café à sombra.

Na Seção 7 do Capítulo 3 os papéis do ecoturismo e do agroturismo são conceitualmente debatidos no contexto da ‘observação de pássaros’ e nas ‘experiências rurais’ propiciadas pelo ambiente de fazenda, onde a atividade pode ser adotada por pequenos e médios proprietários de terras. O elo entre o ecoturismo e agroturismo ficaria por conta dos implícitos para a conservação e preservação das espécies, inclusive dos pássaros.

O **Capítulo 4** faz uma revisão sobre os serviços ambientais do ecossistema, os locais de habitação dos fazendeiros, e as cadeias para se obter um valor agregado para os agroecossistemas de plantio de café à sombra. O Capítulo foi desenvolvido por Jha, Bacon, Philpott, Rice, Méndez, e Laderach’. O **Capítulo 5** faz uma análise dos ‘serviços ambientais do ecossistema na perspectiva florestal e agroflorestal do pequeno produtor em regiões do trópico.

Os pesquisadores Idol, Haggar, e Cox, foram os responsáveis por essa abordagem, e incluíram discussão de temas complexos e polêmicos da atualidade, entre eles: conservação da biodiversidade e a importância ecológica e funcional da agricultura; o sequestro de carbono e o Protocolo de Kyoto; as compensações financeiras, econômicas e monetárias em função dos serviços ambientais, o pagamento pelos serviços do ecossistema; a certificação da sustentabilidade é outro assunto debatido, seguido pela discussão com foco no ecoturismo de base comunitária, o pequeno produtor rural, e sustentabilidade.

Já o **último Capítulo** relata um estudo de caso em Allgau, no sul da Alemanha, centrado na tentativa de implementação de um desenvolvimento sustentável na perspectiva da agroecologia. Os autores fazem um relato amplo do desenvolvimento de uma região seja ele social, econômico, ou ambiental. Para a análise, os autores usaram uma metodologia qualitativa e quantitativa, sendo que a parte quantitativa foi pertinente à análise de dados e indicadores.

A análise qualitativa foi usada também para se compreender a importância do turismo em Allgau, pois é uma região próxima aos Alpes e sua diversidade paisagística para os turistas de pernoite, bem como para excursionistas. Várias atividades são atrativos turísticos em Allgau, entre elas: ciclismo de montanha, popularmente chamado de *mountain bike*; nadar em lagos; e, ou, visitas aos festivais tradicionais.

Em 1985, a comunidade de Bad Hindelang, em Allgau, tomou iniciativas para a integração entre a agricultura e o turismo, um conceito novo e

inovador na década de 80, e ficou conhecido como ‘Eco-Model Hindelang’ e visava a criar expectativas de renda adicional para os pequenos proprietários de terras. O conceito que permeava o Modelo Hindelang assentava-se na ideia de compensações econômicas para os fazendeiros de modo que eles mantivessem a paisagem cultural, até então pivotal para o turismo.

O Volume 1 da Série Temas em Agroecologia, intitulado ‘Integrando Agricultura, Conservação e Ecoturismo: Exemplos do Campo’, pode ser considerado uma das obras de maior expressão no tema proposto. No entanto, a tríplice integração como proposta no livro, precisa ainda ser mais largamente debatida na literatura, haja vista que os vínculos entre esses três elementos, ‘agricultura’, ‘ecoturismo’ e ‘conservação’, exceto pela abordagem e ótica do ‘turismo rural’ e do ‘agroturismo’, aparecem de forma tênue carecendo de procedimentos metodológicos e métodos que possibilitem sua replicabilidade e resultados em termos de sustentabilidade. Assim, outros estudos de caso devem ser identificados e analisados, particularmente aqueles que possam apresentar experiências bem sucedidas na integração entre ecoturismo, agricultura e agroecologia na perspectiva do pequeno e médio fazendeiro em diferentes ecossistemas e biomas.

Para concluir, pode-se afirmar com segurança que a obra é um ótimo ensaio com contribuições inquestionáveis no tema proposto, e serve também para fundamentar estudos futuros que tenham como foco um desenvolvimento sustentável que congregue várias atividades da cadeia produtiva local e regional e suas contribuições viáveis para a conservação e preservação.

Ismar Borges de Lima

Doutor em Geografia Humana e Turismo pela *University of Waikato*, Nova Zelândia

Professor Adjunto I da Universidade Estadual de Roraima, UERR &

Coordenador do Laboratório de Pesquisa na Amazônia Setentrional (MultiAmazon).

Email: ismarlima@yahoo.com.br

Recebido para publicação em junho de 2013

Aprovado para publicação em julho de 2013